

E de mais ninguém. —J.

Se você encontrar, não abra antes do trovão.

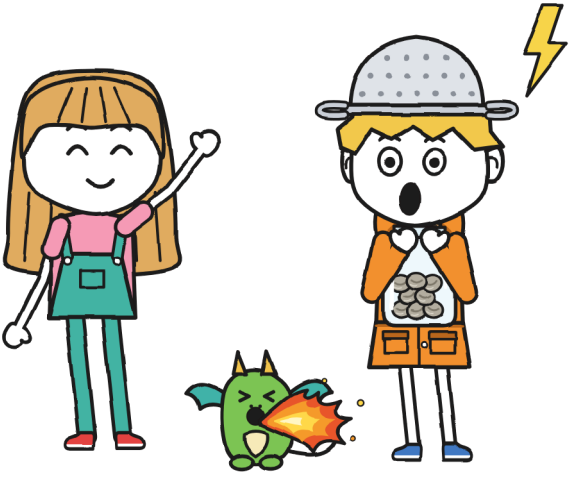
SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história: não faça isso. Se durar várias páginas, diz DESDE AQUI e ATÉ AQUI. Com tempestade de verdade, vale a última página. —J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2

Não abrir antes do trovão

Lui Eriksson

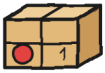


TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2
Não abrir antes do trovão
Segundo livro da série. O primeiro: “Este pacote morde”.
Texto e ilustrações: Lui Eriksson
Versão em português: LinguAula
TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+
Primeira edição: 2026
© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com
Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.
Tipografias: Andika, Patrick Hand, Caveat e Courier Prime (licença SIL OFL).

Trabalhe cada capítulo em
linguaula.com

Nenhum trovão foi ferido durante a escrita deste livro. –J.



CAPÍTULO 1

Caçador de tempestades

Na loja em frente tem um pacote que treme.

No sábado passado, ele se mexeu uma única vez. Desde então não parou: um tremor fino e contínuo, como o de um cachorro pequeno na sala de espera do veterinário. Faz sete dias que está assim. A cada dia, um pouco mais.

E eu tenho caderno novo.

O caderno 1 acabou. A Mara, a dona da Entregas Impossíveis, me deu este: capa azul e o carimbo vermelho da loja num canto. Na primeira página escrevi o título, com uma palavra nova:

CADERNO DE ENTREGAS 2 · do Guto. OFICIAL.

"Oficial" quer dizer que eu leio primeiro. Oficialmente. –J.

Mara diz que caderno oficial não é para rabiscar. Vamos ver: este já tem um desenho.

O que é preciso saber sobre o outro caderno: há dois sábados, a Júlia (a dos bilhetes verdes) e eu entregamos, de noite, por

uma passarela e sem nenhum adulto, um ovo que ninguém tinha conseguido entregar em anos. Agora ele é a Migalha, um filhote de dragão que me imita em tudo. Mara, a bruxa da loja, nos castigou: todos os sábados lá, às dez. Eu sou o novo do bairro, e quase tudo que é meu continua em caixas.

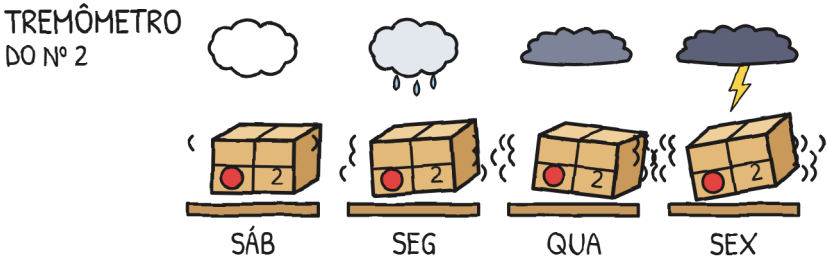
O que treme é o nº 2. Está na estante dos devolvidos e tem uma etiqueta que eu sei de cor: li todas as tardes desta semana, em pé e sem tocar nela, enquanto Mara fazia de conta que não me via:

- Nº 2 · FRÁGIL.
- DESTINO: Flora, Rua do Canal, 9.
- INSTRUÇÕES: NÃO ABRIR ANTES DO TROVÃO.
- REMETENTE: R.

Em volta, vinte e três carimbos de DEVOLVIDO. Contei duas vezes, para o caso de algum ter caído.

Um devolvido é um pacote que ninguém conseguiu entregar: se quem o recebe não assinar a etiqueta com tinta que não apaga, ao amanhecer ele volta voando para a estante, em fila, como patinhos. Restam dezenove: está escrito na parede, em verde, com a letra da Júlia, e o que a Júlia escreve em verde não apaga. Quem manda todos é sempre a mesma pessoa, R., de quem só se sabe que tem uma letra horrível.

Toda tarde eu anotava o quanto ele tremia e que tempo fazia: foi assim que nasceu o TREMÔMETRO DO Nº 2. Na sexta, a nuvem já tinha um raio dentro.



Não treme de medo: treme porque vem uma tempestade. No sábado, às seis da tarde. Já olhei seis vezes na previsão do tempo. —].

Li o bilhete duas vezes. Na segunda, só a parte das seis.



No sábado, às dez, Mara — chapéu roxo, carimbo que solta faíscas com cheiro de vela apagada — nos esperava atrás do balcão com o nº 2 nas mãos. Não na estante: nas mãos. Ao lado do carimbo continuava o sapo de borracha, meu desde que deixou de ser de ninguém. E Toninho, o entregador da RAIO, estava em pé, de capacete: aos sábados o castigo também é dele, e Toninho cumpre castigo do jeito que entrega, pontual e sem tirar nada, nem o capacete.

— Eu mesma levei esse pacote vinte e três vezes — disse Mara. — E nenhuma com tempestade.

Mara passou o polegar pela etiqueta. Olhei a vitrine, cada vez mais cinza: a viagem de hoje não ia ser como as outras.

— Este — anunciou Mara — vocês vão entregar. Hoje à tarde.

Júlia deu um pulo que quase tocou o cartaz de RESTAM 19, e ao cair já estava falando. Eu não pulei: fiquei com duas palavras, “hoje” e “tarde”, e com uma hora, as seis, que pesavam mais do que o pacote.



Mara impôs três condições, contando nos dedos:

1. Vocês saem às cinco, antes que a tempestade chegue, e ficam na casa da Flora até ela passar.
2. As famílias de vocês já sabem, e a Flora também.
3. A regra é a da etiqueta: não se abre antes do trovão. E tem que ser o trovão que estoura em cima da gente: os de longe não valem.

Reconheci o truque: eram quase as regras da bronca da Vera, a dona da Migalha, só que ditas antes e não depois. Mara não estava lá na bronca e ficou sabendo mesmo assim: neste bairro, as broncas chegam antes dos pacotes.

— E você não vem? — perguntou Júlia.

— Tenho coisas para fazer aqui — respondeu Mara, e olhou pela vitrine o céu, que estava ficando cinza.

No fim do balcão havia uma manta dobrada, uns abafadores de ouvido, desses de esquiar, e uma panela. Vi tudo. Continuei olhando o pacote.

Então Júlia olhou para mim.

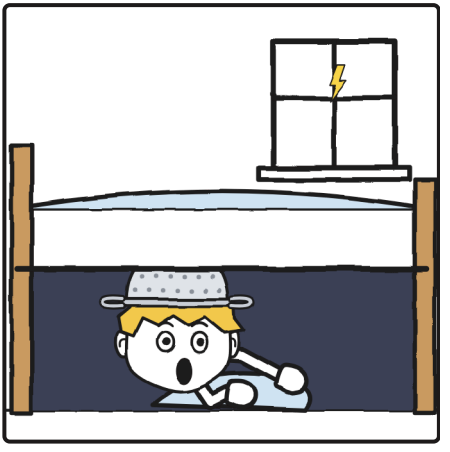
— E você? Gosta de tempestades?

Perguntou olhando direto para mim. Eu podia ter dito a verdade. Disse isto:

— Adoro. No bairro antigo, eu era caçador de tempestades profissional.

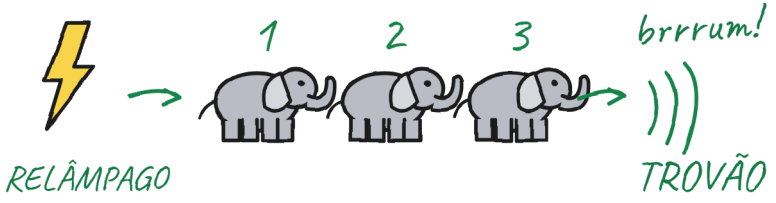
No outro caderno, uma mentira levou um dia e uma noite para voltar. Neste decidi poupar o caminho dela: desenhei a mentira naquela mesma manhã e, no quadrinho ao lado, a verdade.





O escorredor de macarrão era o da nossa cozinha, de aço, com duas alças. Não barrava raio nenhum. A mim ajudava ter alguma coisa em cima da cabeça. Agora estava em alguma caixa da mudança, junto com a tesoura que minha mãe procurava havia uma semana.

Júlia me ensinou a contar uma tempestade, no meu caderno, sem pedir permissão e em verde.



um elefante, dois elefantes, três elefantes...

1 elefante = 1 segundo

3 elefantes = 1 quilômetro (mais ou menos)

0 elefantes = EM CIMA!

↖ Esse é o trovão da etiqueta.
Os de longe não abrem o pacote.

Mais elefantes: esse raio caiu mais longe.

Se ouvir um trovão, mesmo longe: procure abrigo!

A gente conta do relâmpago até o trovão, em elefantes: “um elefante” dura um segundo, mais ou menos, e a cada três dá um

quilômetro. Assim dá para saber, mais ou menos, a que distância caiu aquele raio; onde vai cair o próximo, não. O que a conta também não diz é quando dá para sair, e isso, segundo Júlia, é outra regra, sem desenho: meia hora depois do último trovão.

Testei baixinho e saíram elefantes rapidíssimos, desses que não servem. Eu não precisava contar nada, porque eu adoro tempestades, mas anotei, por via das dúvidas.

Toninho leu a etiqueta por cima do meu ombro, do jeito que lê tudo que não é dele.

— A RAIO não entrega com tempestade — disse, e nos mostrou a letra miúda da mochila amarela: ENVIOS RAIO · EM DEZ MINUTOS OU DE GRAÇA e, com a lupa da Júlia, um asterisco: *Salvo tempestade.

— Ainda não tem tempestade — observou Júlia.

Toninho conferiu a letra miúda para ver se dizia algo sobre "ainda". Não dizia nada.

E assim Toninho foi com a gente. Conta os elefantes de uma vez só, "umdoistrês!", como se fossem uma entrega. Segundo ele, todas as tempestades estão a um quilômetro. Não sei se é coragem ou falta de elefantes.



Às cinco, atravessei a rua até a minha casa para buscar a capa de chuva; Júlia me esperou no hall do prédio. Minha mãe me esperava na porta do apartamento, com a capa pendurada na

mão. Ela tem uma teoria sobre o laranja: que dá para ver de longe. Nunca soube de onde ela pretende olhar.

— Coloca a capa laranja — disse. — Quer mesmo ir? Se você, quando troveja...

— TCHAU, MÃE!

Desci a escada de dois em dois degraus. Tinha calculado que, com o eco do hall, metade da frase da minha mãe se perderia no caminho. Não se perdeu. Júlia estava lá embaixo.

"Se você, quando troveja..." O QUÊ? –].

Atravessamos a Ponte Grande com o céu cada vez mais preto. De noite levantam a ponte para os barcos passarem; de dia todo mundo atravessa, e naquela hora só atravessávamos nós e um senhor apressado, em sentido contrário, que é o sentido certo quando vem tempestade. Eu levava o nº 2 com as duas mãos, bem reto. Toninho empurrava a bicicleta: é o mais devagar que já vi alguém da RAIO ir sem estar perdido.

No meio da ponte, Júlia fez para a água o cumprimento seco dela, com a mão, curto, sem sorrir, como se cumprimenta alguém de quem não se gosta. Faz isso desde a noite da passarela. Acho que é o trato: ela cumprimenta e a água deixa ela passar.

Muito longe, o céu se acendeu.

Foi uma piscada atrás das nuvens, sem barulho, como quando alguém acende e apaga a luz de um quarto em que você não está. Júlia parou de repente e contou elefantes em voz baixa, de olhos

fechados. Contou trinta antes de ouvir qualquer coisa. Eu contei com ela, por dentro, com os meus elefantes rapidíssimos, e deu quarenta e dois.



Brrrum.

— Uns dez quilômetros até esse raio — calculou. — A previsão anuncia a tempestade para as seis.

— Foi um trovão! — exclamou Toninho. — Já pode abrir?

— Para abrir o pacote, esse não conta — disse Júlia, sem abrir os olhos. — Está a dez quilômetros; o da etiqueta é o que estoura em cima da gente: zero elefantes. Mas já dá para ouvir: procurem abrigo! Corram!

Corri até a Rua do Canal, fazendo de conta que não tinha ouvido nada. Nem o brrrum nem o das seis.

— Isso foi um hic? — perguntou Júlia, sem diminuir o passo.

— Não — eu disse. — Hic!



Toninho se dobrou sobre o guidão e riu tanto que a bicicleta virou para o lado. Júlia não riu. Estreitou os olhos, como quando lê algo que não está escrito.

Um trovão, um hic: acontece comigo desde pequeno. Se a tempestade está longe, fica num só; se está em cima, vem outro, e outro, a cada três segundos, até ela ir embora. Não é medo. É uma coisa que meu corpo faz sem me consultar, como crescer ou

espirrar, e, como crescer, não para só porque a gente faz cara de nada. Sei porque já tentei com todas as caras.

Isso se chama medo. –J.



Na Rua do Canal, Vera, a de cabelo vermelho, já nos esperava na porta da Casa dos Dragões, colada à da Flora, com a Migalha nos braços. Assim que me viu, a Migalha fez a minha cara: faz isso sempre, me olha por um segundo, confere que cara eu estou fazendo e faz igual.

Deixei o nº 2 na cestinha da bicicleta do Toninho e abri os braços.

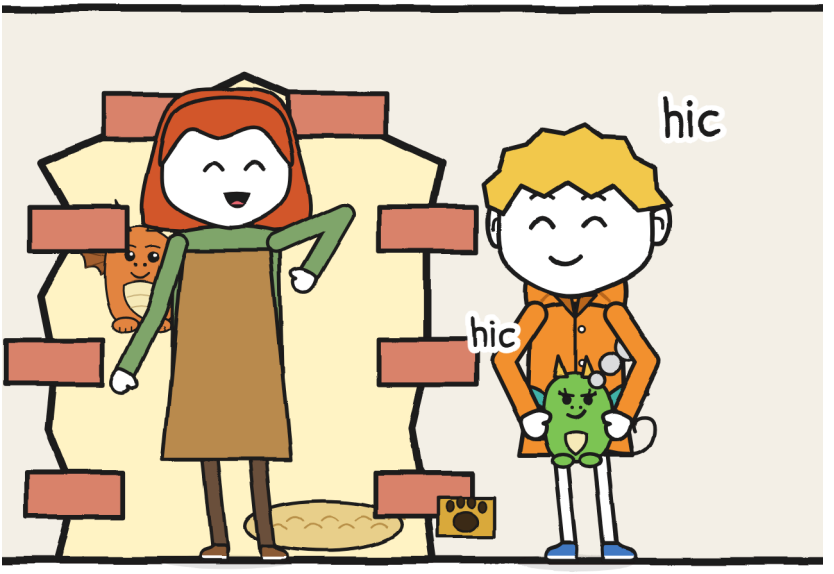
— É a primeira tempestade dela — disse Vera, e a pôs nos meus braços. — Ela imita tudo o que você faz, Guto. Até o que você sente. E, se ela se assustar, não puxe: ela se agarra. Quando passar, três batidas no muro do quintal da Flora e eu venho buscar.

— Eu não sinto nada — respondi. — Eu adoro tempestades.

Disse isso estufando o peito, e a Migalha, nos meus braços, estufou o dela do mesmo jeito, de pescoço esticado: a imagem perfeita de quem adora tempestades, em dois tamanhos. Vera olhou para nós dois, um em cima do outro com a mesma cara, e não disse nada. Vera guarda as coisas para quando elas fazem falta.

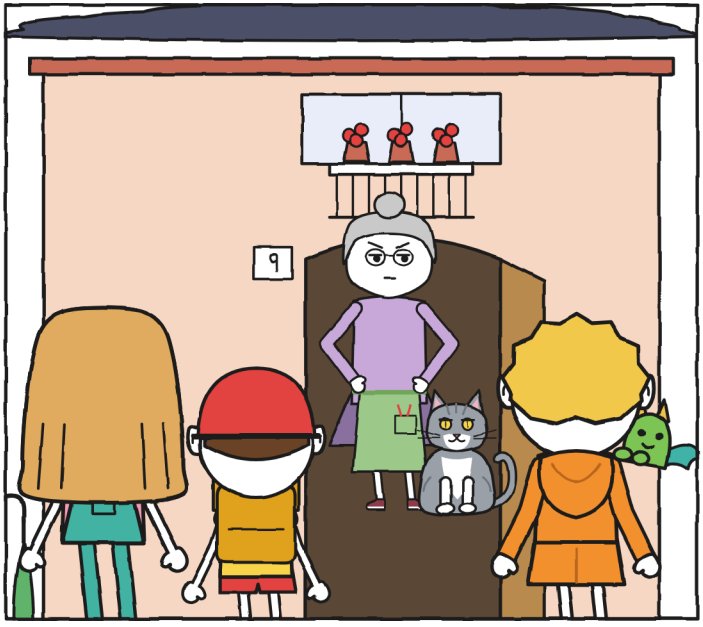
Longe, trovejou. Eu fiz hic. A Migalha fez hic, e saiu fumaça do nariz dela.

— Para dentro, já — cortou Vera, e nos empurrou para a porta da Flora.



A casa da Flora é a dos gerânios, os da varanda de onde uma senhora nos olhou, há dois sábados, com o regador no ar.

Abriu a porta antes que a gente batesse: uma senhora de coque grisalho e óculos, com um avental verde de jardinagem cheio de bolsos e, entre os pés, um gato cinza de peito branco que nos olhou como se olha um pacote que não é para ele. Ela olhou a caixa. Olhou o céu. Olhou a Migalha. Nessa ordem, e dedicou a cada coisa o mesmo tempo, que foi pouco.



— A pequena da Vera. Que não chamusque as minhas samambaias — disse. — Entrem, que vem chuva. Mas já aviso: eu não assino pedras.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Este livro existe em seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e em mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L contam a história página por página, com os mesmos desenhos e cada vez mais nuances. O XL é o romance: a mesma história, com espaço para tudo o que o Guto pensa e não diz.

Níveis do QECR indicativos: XXS, pre-A1 · XS, A1 · S, A2 · M, B1 · L, B2 · XL, B2–C1.

Cada um no seu tamanho. Mesmo temporal. –J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com (com as atividades do tamanho L)